

## O CASO DE ESTUDO

A partir de dados reais, obtidos de fontes secundárias, foi desenvolvido o caso a seguir com base nas informações sobre a produção do açaí em regiões de várzea na floresta amazônica; as estratégias do *Sainsbury's Supermarket* e a atuação institucional da *Fairtrade Foundation* e do Banco da Amazônia:

### A Estória do Assabí

O SBY é a terceira maior rede de supermercados do Reino Unido. Com faturamento de 24 bilhões de libras, possui 2000 fornecedores de alimentos em 55 países, 1.300 supermercados e lojas de conveniências e emprega 161 mil funcionários. O SBY adota um modelo de negócios com base nos princípios de desenvolvimento sustentável e inclui em suas estratégias compromissos com a sustentabilidade de sua cadeia de suprimentos. Estabelece metas relacionadas a políticas de preço justo (*Fairly traded*) e tem trabalhado há algum tempo em conjunto com a *Fair Trade Initiative* – FTI.

A FTI é um movimento global que tem como objetivo assegurar um preço justo para produtos oriundos de pequenos produtores marginalizados em países em desenvolvimento ou em regiões carentes. Os produtores recebem um preço mínimo que cobre o seu custo de produção e um prêmio extra sobre as receitas de vendas para investimento em sua infraestrutura. Esta atuação possibilita que sua renda se mantenha estável independentemente das flutuações do preço do produto no mercado.

O sistema *Fair Trade* desenvolvido pela FTI trabalha para: conectar os pequenos produtores diretamente com os varejistas; buscar parceiros para dar suporte econômico a estes pequenos negócios, por meio de investimentos ou subvenções; auxiliar a implementação de qualidade no processo produtivo e na adoção de práticas sociais e ambientais. Após um processo de certificação independente, os produtores recebem um selo que garante que eles adotam padrões de qualidade na produção e de proteção aos trabalhadores e ao meio ambiente. O selo ajuda a comunicar aos consumidores que, ao comprar um produto *fair trade* (certificado pela FTI), eles estão apoiando comunidades e trabalhadores de regiões carentes. O SBY é o maior varejista do mundo em valor de vendas de produtos *fair trade*, tendo vendido em 2015 o montante de 290 milhões de libras, o que representa 20% de todas as vendas de produtos *fair trade* no Reino Unido.

O SBY e a FTI estão estudando a possibilidade de inserir no sistema *fair trade* a Comunidade ES que vive da extração do assabí na floresta amazônica. O objetivo é comercializar o assabí como produto *fair trade* em toda a rede de lojas do SBY no Reino Unido. O assabí é uma fruta nativa da região Norte do Brasil, altamente nutritiva e tradicional nos hábitos de alimentação da população daquela região. A Comunidade ES é composta por 84 famílias e possui uma área de 500 hectares de floresta, que contém 84.000 palmeiras para a exploração do assabí. A Comunidade não tem acesso a saneamento básico, água potável e nem energia elétrica. Os moradores estão distribuídos em uma área entrecortada por cursos d'água, distantes até 10 km da margem do rio principal.

Os moradores da Comunidade ES sempre sofreram com a precariedade do local e instabilidade de renda e antes do *boom* do assabí, a atividade predominante era a queima de carvão, uma atividade danosa para a saúde e para o meio ambiente porque envolve o desmate e a queima da floresta. A partir do ano 2000, com a maior demanda pelo assabí, eles incrementaram as suas vendas e os moradores abandonaram a atividade de carvão. Contudo, como a comunidade está situada bastante distante do mercado distribuidor e não dispunha de embarcações adequadas para o transporte dos balaios, a maior parte da renda acabava nas mãos de atravessadores. Por esta razão, em 2010, com auxílio de fundos

sociais e ONGs, a Comunidade ES fundou sua própria Cooperativa para o processamento da polpa, o que proporcionou maior estabilidade de trabalho e renda para os moradores.

A fruta é extraída de palmeiras nativas pelos moradores da Comunidade, transportada em balaios até às margens do rio principal e levadas por 4 horas de barco para a cidade mais próxima (Assará) onde está situada a cooperativa de produção de polpa congelada. O processo de produção é simples, consiste nas etapas de: recepção e transporte dos balaios; higienização e lavagem das frutas; maceração; despulpamento (gera borra e sementes); tratamento térmico; envase em embalagens plásticas; congelamento e armazenamento. Depois o produto é transportado por 2 horas em uma perua refrigerada até a cidade de Belém (PA), onde é distribuído para comerciantes, supermercados e pequenas indústrias que usam a polpa como componente de outros produtos.

### **Antecedentes**

Devido a suas propriedades nutricionais, no início do ano 2000 o assabí foi descoberto por atletas e pessoas que buscam uma alimentação saudável. A partir daí houve um intenso interesse por várias formas de consumo do produto em outras regiões do Brasil e em outros países da América (em sucos, sorvetes, cremes com adição de frutas, em cápsulas, em pó). Isto elevou o preço da fruta *in natura* comercializada nos mercados dos portos fluviais da região, quando são trazidos do interior da floresta em barcos carregados de balaios para abastecer o comércio local e as pequenas indústrias que começaram a se instalar.

Neste período houve aumento de renda para as comunidades que vivem às margens dos rios, mas também introduziu muitos atravessadores para o processo de transporte. Algumas comunidades ficam muito distantes do maior centro consumidor e distribuidor do produto, que é a cidade de Belém, então eles dependem de embarcações adequadas para fazer o transporte da fruta através dos rios. A fruta é altamente perecível e precisa de refrigeração.

Em termos sociais, para as comunidades que vivem em regiões isoladas não houve melhoria significativa nas condições da extração e nem no bem estar dessas populações ribeirinhas, que continuam sem infraestrutura mínima.

Em relação ao meio ambiente, o comércio intensivo da fruta tem trazido algumas preocupações e também oportunidades. O maior percentual da produção tem origem no extrativismo, em palmeiras nativas concentradas no rico solo de várzea, que compõe os ecossistemas da floresta amazônica. Nessas áreas de várzea é possível ampliar a produção fazendo o cultivo de palmeiras, para isso é preciso eliminar outras espécies e árvores não produtoras do assabí. A prática de cultivo, em pequena proporção, já é comum para atender o período de entressafra da fruta, contudo, em algumas áreas a plantação se tornou bastante homogênea na paisagem da floresta, o que traz preocupações em relação à perda de biodiversidade. Instituições públicas, ONGs e empresas engajadas com a sustentabilidade da região têm treinado as comunidades locais em práticas de manejo sustentável nas áreas de várzea e tem dado apoio à melhoria de sua infraestrutura.

Como meio de atender à demanda crescente e a ampliação do mercado consumidor para outras partes do mundo, uma alternativa viável é o cultivo de assabí em terra firme com auxílio de tecnologia, irrigação e fertilização. Produtores rurais e grandes fazendas estão se dedicando ao cultivo do assabí em terra firme e indústrias de alta tecnologia estão se instalando na região para a produção de polpa.

No início de 2013 houve a repercussão negativa da contaminação de polpa por um inseto que transmite uma doença infecciosa. Houve registros de alguns casos da doença em consumidores locais da polpa de assabí. A investigação do caso concluiu que a contaminação ocorreu pelas fezes do inseto sobre a fruta *in natura* e/ou pela moagem do inseto junto com as frutas. Os órgãos de vigilância sanitária passaram a exigir procedimentos para evitar a má higienização da

fruta, o acondicionamento inadequado durante o transporte e indicaram o processo de pasteurização para eliminar qualquer bactéria e evitar a transmissão da doença. Especialistas em Saúde apontaram como causa a influência humana mais intensiva no *habitat* dos insetos transmissores. O desmatamento e a ampliação do cultivo em áreas de várzea interferiram no ciclo alimentar dos insetos, os quais migraram para as áreas próximas ao rio onde os balaios de assabí ficam à espera do embarque. Estes dados introduziram preocupações na SBY e na FTI em relação à preservação da floresta; às condições de higiene no local da colheita; às condições de transporte do produto através dos rios e sobre a efetividade do processo de produção como um todo para garantir segurança alimentar aos consumidores.

### **A situação atual**

Além da responsabilidade social, o SBY está engajado na comercialização de produtos *fair trade* porque entende que é também um meio de entregar valor aos seus consumidores. A qualidade do processo produtivo e a adoção de práticas sustentáveis na cadeia de suprimentos é uma estratégia do SBY para fornecer saúde, segurança e frescor em seus alimentos.

O SBY pretende introduzir o assabí em toda a sua rede de distribuição ressaltando a inovação do produto no mercado do Reino Unido e suas propriedades benéficas para a saúde. Neste caso, o volume de produção é importante para atingir escala suficiente para a exportação e assim alcançar preços aceitáveis pelos consumidores.

A parceria do SBY com a FTI busca criar condições para uma maior produção da polpa de assabí pela Cooperativa ES e para atender aos padrões de qualidade e de sustentabilidade requeridos. A FTI está buscando recursos financeiros para atender ao investimento e, nesse sentido, foi criado um comitê de investimento liderado pela Instituição Financeira Amazônia – IFA, que tem a função de reunir recursos de programas governamentais brasileiros e de subvenções provenientes de fundos nacionais e internacionais.

A IFA tem que seguir normas internas para aplicação de recursos e utiliza indicadores financeiros para avaliação de investimentos. O Comitê está desenvolvendo o plano de negócios do projeto e analisando alternativas para viabilizar o acordo. Apesar de agregar alguns recursos subsidiados, com taxas de juros menores, eles estão simulando alternativas para atingir um volume de receitas que possibilite à Cooperativa ES pagar as despesas do financiamento e gerar lucro.

Eles consideram uma alternativa que envolve introduzir as melhorias necessárias para garantir qualidade e segurança na colheita e no processo de produção, bem como um pequeno incremento na produção por meio do cultivo de palmeiras. Os gastos incluem equipamentos de segurança para a colheita do fruto; materiais para acondicionamento e transporte dos balaios; equipamentos para limpeza da plantação; treinamento em manejo sustentável e operação da fábrica; equipamentos para o processo de pasteurização; aumento das instalações de processamento e aquisição de veículo refrigerado para o transporte.

Outra alternativa é um incremento significativo na produção, o que pode ser obtido por meio de uma área maior de palmeiras cultivadas e a introdução de mais tecnologia nos processos visando a redução de custos. Essa alternativa envolve desmatar alguma porção da floresta, contudo dentro dos limites permitidos pela legislação. Inclui o aproveitamento das sementes do assabí para gerar energia para a fábrica e a introdução de um novo processo para obter o assabí em pó, o que reduz custos de embalagem e de transporte. Ainda é possível desenvolver produtos com a adição de outros componentes. É uma alternativa mais intensa em tecnologia e exige um tempo maior de maturação, com retornos mais demorados, aumentando assim o volume de investimento e o *pay back* do projeto.

A ES tem muito interesse no projeto do SBY porque os moradores estão temerosos com a competição na comercialização da polpa, uma vez que sua produção atual é pequena para enfrentar concorrência de preços. Por outro lado, os moradores têm receio quando se fala em tecnologia porque eles acham que isto pode mudar as práticas de trabalho e a redução da quantidade de pessoas ocupadas, o que representa um grande ponto de conflito no relacionamento dos moradores da Comunidade. Também têm devoção pela floresta e entendem que precisam proteger em primeiro lugar a sua fonte de sustento. Quando se fala em crescimento da produção ou do cultivo de palmeiras eles têm medo de comprometer o equilíbrio da floresta e, mesmo quando há tecnologias para o manejo sustentável, dados de pesquisas científicas ou políticas legais que eles podem dispor, se mostram descrentes e preferem não interferir nas condições naturais do seu habitat. Eles entendem a floresta como uma dádiva de Deus e para eles, mexer na natureza pode trazer consequências desastrosas como castigo divino.

### Descrição dos Critérios – Informação Nível 1

ECONÔMICOS	SOCIAIS	AMBIENTAIS
<p><b>Margem de Lucro:</b> Receitas Líquidas da Cooperativa antes das Reservas dividido pelas vendas líquidas. A margem de lucro é uma medida percentual que expressa quanto sobra do valor das vendas após deduzir todos os gastos correspondentes. É uma medida de lucratividade do negócio e é apurada pela divisão da margem líquida (receita líquida menos custos e despesas operacionais) pelas receitas totais.</p>	<p><b>Empregabilidade:</b> A proporção de trabalhadores ocupados com a colheita O indicador representa a proporção de trabalhadores ocupados em relação ao total de trabalhadores com idade e condições físicas de trabalhar na colheita e na manutenção da plantação (manejo) do assabí.</p>	<p><b>Biodiversidade:</b> Índice de diversidade florística (Shannon-Wiener index). O índice de Shannon é utilizado para medir diversidade florística. O índice relaciona a quantidade de espécies (abundância ou riqueza de espécies) com a quantidade de indivíduos em cada espécie. Quanto maior o valor do índice melhor é a diversidade, indicando um número maior de espécies e proporção equitativa de indivíduos em cada espécie.</p>
<p><b>Produção de Polpa:</b> O volume de produção de polpa em toneladas O indicador representa a quantidade de polpa de assabí produzida pela Cooperativa. O volume de produção na fábrica depende do volume da colheita na Comunidade e da qualidade dos frutos.</p>	<p><b>Infraestrutura da Comunidade:</b> Investimento anual na infraestrutura da Comunidade Uma percentagem das receitas de vendas assabí é sempre reservado para investir na infra-estrutura da Comunidade. O investimento é destinado a beneficiar áreas comuns e fornecer ferramentas e materiais necessários para a colheita, para o acondicionamento e para o transporte do assabí.</p>	<p><b>Sequestro de Carbono:</b> Média de carbono estocado em megagrama (tonelada) por hectare, por ano. Sequestro de carbono é o processo de remoção de CO<sub>2</sub> da atmosfera e a sua estocagem segura. A capacidade de sequestro de carbono pode ser medida pela estimativa da biomassa das plantas (massa biológica) acima e abaixo do solo, sendo as espécies arbóreas de grande porte responsáveis por volumes maiores.</p>
<p><b>Renda Familiar:</b> Renda Familiar Média na Comunidade. A renda das famílias é composta pela remuneração do trabalho, pelo lucro da colheita e pela distribuição do lucro da Cooperativa para as famílias.</p>	<p><b>Varição da Renda:</b> Fator estimado de variação na renda anual das famílias. O indicador mede a possibilidade de variação percentual no rendimento médio das famílias, de um ano para outro, com base em parâmetros técnicos e em informações dos últimos anos.</p>	<p><b>Desmatamento:</b> Taxa média anual de desmatamento na área Desmatamento é a perda permanente da cobertura vegetal original em uma determinada área. O indicador mede a porcentagem de área deflorestada (e ainda não reflorestada) em relação à área total que a Comunidade ES tem direito de uso.</p>
<p><b>Risco de inadimplemento:</b> Fator de risco relativo à probabilidade de não gerar caixa suficiente para pagar o investimento. O risco de inadimplemento representa a possibilidade de que as sobras de caixa não sejam suficientes para o pagamento dos compromissos assumidos durante o período em que o empreendimento não estará ainda gerando os benefícios esperados.</p>	<p><b>Autonomia da Comunidade:</b> Habilidade de tomar suas próprias decisões sem ser controlado por outros. Para a Comunidade, autonomia significa liberdade para tomar decisões referentes à colheita e técnicas de manejo do assabí sem interferência ou pressão da Cooperativa. O indicador mede o nível de autonomia por meio de um fator que é estimado considerando, entre outros aspectos o porte da Cooperativa e a participação da Comunidade em suas decisões.</p>	<p><b>Tratamento do lixo:</b> Porcentagem do lixo coletado e transportado apropriadamente para a cidade mais próxima. Em regiões remotas o lixo deve ser coletado e transportado para o devido tratamento em cidades próximas. O indicador é medido pela porcentagem do lixo recolhido e transportado em relação à estimativa do lixo total produzido pela Comunidade.</p>

